

A Dimensão Afetiva na Educação Monástica: A Influência de Aelredo de Rievaulx no Contexto Cisterciense do Século XII

The Affective Dimension in Monastic Education: The Influence of Aelred of Rievaulx in the 12th Century Cistercian Context

Raimundo Carvalho Moura Filho¹

Gilvan da Silva Alves Letras²

RESUMO: Os cistercienses, uma ordem beneditina reformada do século XII, valorizaram a dimensão afetiva nas relações sociais e espirituais. O termo *affectus* representava um movimento espontâneo em direção ao outro, refletindo a conexão com o mundo social e transcendente. A linguagem emocional e os conceitos afetivos, como *pathos* e *passio*, eram centrais na antropologia religiosa da época. A pesquisa destaca a ligação entre afetividade e educação monástica, principalmente nos escritos de Aelredo de Rievaulx, que integrava esses elementos na formação espiritual e interpessoal dos monges, influenciando a pedagogia cisterciense. Como os cistercienses moldaram a educação monástica por meio da afetividade e espiritualidade?

PALAVRAS-CHAVE: História das Emoções, Cistercienses, Affectus, Monge, Inglaterra.

ABSTRACT: The Cistercians, a reformed Benedictine order of the 12th century, valued the affective dimension in social and spiritual relationships. The term *affectus* represented a spontaneous movement toward another, reflecting the connection with the social and transcendent world. Emotional language and affective concepts, such as *pathos* and *passio*, were central to the religious anthropology of the time. The research highlights the link between affectivity and monastic education, particularly in the writings of Aelred of Rievaulx, who integrated these elements into the spiritual and interpersonal formation of the monks, influencing Cistercian pedagogy. How did the Cistercians shape monastic education through affectivity and spirituality?

KEYWORDS: Emotional History, Cistercians, Affectus, Monasticism, and England.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: raimundo.hist.cesi@gmail.com

² Licenciado em Português/Inglês (UEMA). Professor efetivo na rede de educação básica (SEMED). E-mail: gilvanalvess@gmail.com

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo explora a interseção entre a dimensão afetiva, educação monástica e desenvolvimento espiritual no contexto cisterciense do século XII. Ao examinar a importância do termo *affectus* na linguagem cisterciense e sua relação com a antropologia religiosa da época, destaca-se a influência de Aelredo de Rievaulx nesse cenário. Através de uma investigação que alia história e pedagogia, o texto aborda como os monges cistercienses moldaram sua educação com base na afetividade, além de explorar o papel do amor e da amizade na busca pela elevação espiritual.

Embora a amizade tenha seu papel em unir a comunidade cristã, é vista como uma serva do amor que o indivíduo tem por seu Deus. Por outro lado, no curso do século XII, essa subordinação da amizade ao amor não é tão clara. Isso pode ser evidenciado nos escritos de Aelredo de Rievaulx, cujas teorizações sobre a eficácia espiritual da amizade estão inseridas em uma antropologia geral que ele expõe principalmente em dois tratados: o *Espelho da Caridade* (EC), escrito no início dos anos 1140, e a *Amizade Espiritual* (AE)³, concluído cerca de vinte anos depois. Em ambos, há um esforço em enfatizar a relação amigável e virtuosa em sua dimensão estritamente humana e social que leva à adesão a Deus. Ao atribuir um lugar central à afetividade nas relações interpessoais, ele estabelece uma complementaridade entre amizade e amor, embora distintas. Assim, a perspectiva *aelrediana* busca na amizade uma dimensão mística, sendo a relação amigável virtuosa em sua dimensão estritamente humana e social a possibilidade de união com o divino.

Ao considerar o destaque dado à amizade e suas diversas formas na obra AE, surge a seguinte questão: Qual é o papel da afetividade na concepção e manifestação de relacionamentos legítimos, especialmente sob os prismas da amizade e do amor, conforme expressos em discursos sobre interações interpessoais? Abordaremos até que ponto os ideais de amizade e amor foram empregados como ferramentas para comunicar e moldar comportamentos, argumentando que o ambiente monástico do século XII utilizou e aceitou expressões emocionais para orientar as relações sociais e estabelecer a identidade associada à espiritualidade cisterciense no norte da Anglia durante esse período.

³ A primeira menção à fonte conterá o nome completo da fonte, seguido da abreviação correspondente entre parênteses. Nas demais referências, será utilizada apenas a abreviação.

Revista Interdisciplinar

Uma abordagem fundamental para essa análise pode ser identificada em duas estratégias delineadas no texto: a) a noção de amizade verdadeira/genuína e b) a metáfora teológica da amizade como um remédio espiritual. Enquanto a primeira busca validar a legitimidade da amizade, a segunda ressalta seus benefícios. A integração dessas duas perspectivas promove uma reciprocidade afetiva (*affectus*) entre as pessoas, caracterizada pela inclinação espontânea e agradável da alma em direção ao outro. A dialética da amizade espiritual, contrastada com formas mundanas e carnis de amizade, destaca-se como um tema central na obra de Aelredo.

2. A DIMENSÃO AFETIVA NA EDUCAÇÃO MONÁSTICA: A INFLUÊNCIA DE AELREDO DE RIEVAULX NO CONTEXTO CISTERCIENSE DO SÉCULO XII

A análise da dialética entre amizade e amor na AE revela um jogo complexo de contradições binárias e analogias. Os efeitos desse confronto entre o mundano e o espiritual estão inseridos na busca pessoal pela salvação e perfeição, representada pela amizade espiritual e pelo amor e conhecimento de Deus. Enquanto a Queda é atribuída à má vontade e desobediência humanas, a amizade espiritual surge como uma forma de boa vontade corrigida, oferecendo uma oportunidade de redenção individual.

Para os cistercienses, uma das muitas ordens reformadas beneditinas que surgiram no curso do século XII, a dimensão afetiva desempenhava um papel crucial não apenas no vínculo social, mas também no vínculo espiritual. Os conceitos utilizados pelos monges têm importância na medida em que transmitem modalidades de expressão. Assim foi o caso, por exemplo, do termo *affectus*. Na linguagem cisterciense, é caracterizado como um movimento espontâneo e agradável em direção ao outro. O movimento de um ser humano em direção ao outro se dá pela relação intrínseca com o mundo social e o transcendente, indicando uma ligação na economia psíquica da afetividade e da antropologia religiosa. Talvez os historiadores tenham se recusado a traduzir o termo latino *affectus* como “afetos” devido à sua associação com a psicanálise, que ocorreu no período contemporâneo, quando foi associado à teoria da pulsão. O receio desse encontro direto entre a antropologia medieval e a psicanálise é compreensível, uma vez que o anacronismo, considerado um pecado mortal do historiador, tornou-se um guia para determinar o que deve ou não ser considerado história. Porém, essa postura impede a percepção da genealogia intelectual

Revista Interdisciplinar

entre a pulsão freudiana e a paixão antiga e medieval, uma vez que ambas têm como fundamento a articulação entre a representação e o impulso primário (*primus motus non voluntarius*).

A concomitância de comunidades emocionais, e a sobreposição entre elas, pode ser notada nos escritos cistercienses. O sentido e a abrangência do termo “emoções” – que inclui alegria, amor raiva, medo, felicidade, culpa, vergonha, tristeza, esperança – é recente, e a sua arqueologia remonta ao século XVI. O *Oxford English Dictionary* registra o uso mais antigo do termo emoção datado de 1579, e o apresenta como originado do latim *emovare*, com o significado de *disturb* (perturbação, distúrbio e interferência no normal funcionamento de alguma coisa). Um significado similar é apresentado no *Michaelis Dicionário Brasileiro*, que define emocional como aquilo que provoca sentimentos e em que há perturbação afetiva. Entretanto, pelo menos até 1800, o termo emoção era menos frequentemente usado do que as palavras paixões, afeto e sentimentos⁴ (Dixon, 2003, p. 3-11).

Com essa apresentação linguística do termo emoção na linguagem, o seu uso para o período aqui considerado corresponde à categoria *ex post*, pois não estava contido nas fontes da época, embora outros termos, como vimos, expressassem também os fenômenos afetivos diversos, como o *pathos* grego e a *passio* de origem latina, e o uso generalizado do *affectus* ou do seu sinônimo *afetio*, como movimentos de vontade que ocorrem na alma, os movimentos da alma (*motus animi*) (Pezzini, 2017, p. 230). Desde a Antiguidade, o afeto faz parte do léxico filosófico voltado para as paixões da alma, substituindo o termo grego *pathos*, mas compartilhando com ele, juntamente com a *passio*, o impulso involuntário. Por isso, é um termo denso que, até o século XII, traduzia a vida sensível e os apetites espontâneos, cuja mística cisterciense, dentro de uma exegese monástica, procurou incorporar na compreensão da dinâmica formativa humana.

As ciências da cognição confirmam que a vida mental humana possui três faculdades distintas, tema que despertou o interesse dos religiosos do século XII. Essas faculdades são o afeto, a cognição e a comoção, que estão associadas ao sentir, ao conhecer e ao querer, respectivamente. Essa convergência, que implica em problemas antigos com respostas renovadas, não esconde um

⁴ Em algumas línguas, como é o caso do francês, o amor é considerado um sentimento porque é tido como duradouro, enquanto a raiva é uma emoção porque é passageira. No dicionário Michaelis português, raiva e amor são considerados sentimentos. Já no caso da língua italiano, por outro lado, os dois termos, emoção e sentimento, são intercambiáveis. Michaelis: Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

Revista Interdisciplinar

elemento importante presente nas teorizações medievais sobre os afetos, embora atualmente tenha menos relevância entre os cientistas: a metafísica. Antes de ser considerado um ponto fraco, o tema da busca pelo sagrado se torna central para compreendermos como os teóricos medievais ligados à *ordo monasticus*, como os cistercienses, recorreram aos elementos emocionais para abordar questões relacionadas ao desenvolvimento de relacionamentos interpessoais e aos comportamentos sociais.

Os monásticos cistercienses aprendiam sobre seu ofício de maneiras diversas, em conversas informais com seus superiores, notadamente o abade, a quem a *Regra de São Bento* (RSB) incube de ensinar os melhores caminhos para uma vida virtuosa. Estudando os costumes cluniacenses do século XI em relação ao treinamento litúrgico, Susan Boynton (2000, p. 12) destacou as dinâmicas das leituras (incluindo repetição, leitura em voz alta e leitura silenciosa) da arte de cantar e da escrita, enquanto parte da formação litúrgica, o que envolvia punição, por parte dos professores, dos meninos por desempenho litúrgico insatisfatório. Além do castigo físico, uma marca da RSB, observou-se também a humilhação, como a retirada do capuz daqueles oblatos que não imitaram perfeitamente professor/cantor (Boynton, 2000, p. 11-30).

Os cluniacenses observavam e praticavam a RSB, adaptando a letra às condições sociais, e tinham como marca a prática da liturgia, o que explica a centralidade do aprendizado litúrgico. Quanto aos cistercienses, que criticavam as liturgias consideradas excessivas e impeditivas da meditação e do trabalho manual, o desejo de aprender estava intrinsecamente relacionado ao desejo de Deus: aproximado e conhecido.

A centralidade da afetividade e sua relação intrínseca com o processo educativo em Aelredo é evidente. Além do papel da afetividade nas relações interpessoais, percebe-se a importância da educação monástica, à qual Aelredo dedicou décadas como mestre dos noviços (1142-1143) e abade (1147-1167) em Rievaulx.

Os monges do século XII, especialmente os das ordens reformadas, adotaram a ontologia do amor agostiniana de forma notável, tornando o amor a essência das emoções religiosas. Enquanto a poesia de amor prosperava nas cortes principescas, até mesmo os religiosos familiarizavam-se com essa literatura vernacular, explorando suas ricas possibilidades alegóricas (Boquet; Nagy, 2018). O amor, especialmente quando dirigido a Deus, é a mais alta dádiva, emanando da divindade. A fim de espiritualizá-lo, empreenderam uma transformação afetiva que exigiu um profundo entendimento da alma e de suas faculdades, levando a uma compreensão mais

Revista Interdisciplinar

abrangente do homem e um caminho em direção à sua elevação espiritual. A reflexão sobre o amor de Deus foi o ponto de partida para desenvolver um entendimento da natureza humana. Assim, a ordenação da caridade começou com uma harmonização interna das faculdades da alma, equilibrando razão e afetividade, conhecimento e sensibilidade.

A amizade, vista como um remédio espiritual, é concebida por Aelredo como algo eterno, em contraste com a visão de Agostinho, para quem a amizade estava associada à transitoriedade, como evidenciado por seu lamento pela perda de um amigo próximo. Aelredo desaprova esse tipo de amizade, considerando-o rudimentar. Para ele, a amizade espiritual ultrapassa até mesmo a caridade, antecipando a alegria celestial para a comunidade humana. Essa forma de amizade proporciona uma experiência mais íntima e pessoal do amor, levando a uma antecipação da felicidade divina. Essa interpretação reformula o conceito de amor divino, como evidenciado em um diálogo no qual Aelredo responde com cautela a uma sugestão de que "Deus é amizade", destacando a importância da amizade espiritual como expressão de afeto investido em Deus e no próximo:

Na minha opinião, do amor vem *amicus* e *amicus amicitia*. Ou seja, da palavra amor vem a do amigo, e do amigo, a amizade. Agora, o amor é um apego da alma racional. Através do amor, a alma procura e anseia com desejo de desfrutar de um objeto. Através do amor, a alma também desfruta desse objeto com doçura interior e o abraça, e valoriza quando é adquirido. Expliquei os apegos e emoções da alma da maneira mais clara e cuidadosa possível em um trabalho que você conhece bem, *O Espelho da Caridade*⁶. A verdadeira e eterna amizade que começa aqui [no mundo terreno] é aperfeiçoada lá [no Além]. Aqui pertence a poucos, pois poucos são bons, mas lá pertence a todos, pois ali todos são bons. (AE, I:19, p.69).

À primeira vista, a amizade não parece ser especialmente inclinada à experiência mística (que representa um encontro fusional destinado a transcender a esfera social). Essa limitação da amizade em conduzir à união com o Uno, em contraste com o amor, tem uma longa história. Remontando pelo menos a Platão, essa perspectiva é indiretamente corroborada por Aristóteles, que restringe a amizade ao âmbito social. O cristianismo primitivo também endossa essa visão, já que os Padres da Igreja como Ambrósio, Agostinho ou Cassiano, valorizam a amizade apenas na medida em que fortalece e protege a relação individual e vertical do indivíduo com Deus (Boquet, 2005, p. 6).

No contexto do cristianismo, o conceito e a aplicação do amor desempenharam um papel fundamental na definição das comunidades de fé. Como discutido por Castanho (2019, p. 43), era

Revista Interdisciplinar

imperativo transformar o amor carnal em um amor voltado para Deus, resultando em uma elevação desse sentimento, associado à sua representação metafórica como a divindade do amor. Desde os estágios iniciais do desenvolvimento do monasticismo no Ocidente, o amor já se destacava como um elemento unificador crucial entre os membros da comunidade (*ecclesia*). Ao viverem em conjunto, a prática da amizade e da caridade promovia a preservação da virtude uns dos outros, fortalecendo, assim, a coesão dentro da comunidade eclesial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do século XII, concomitante ao renascimento característico desse período, os monges assumiram um papel de destaque na sociedade e as emoções começaram a se fazer presentes em seus discursos. A rotina diária proporcionava momentos de introspecção e fomentava vínculos individuais e íntimos. Nesse contexto, a transição da relação íntima e solitária com Deus para a interação com a comunidade era imediata. Reformar a si próprio e a sociedade por meio do afeto tornou-se o núcleo do projeto monástico e eclesiástico (Boquet, 2018; Nagy, 2018).

Destacou-se a centralidade do meio social monástico, argumentando que a busca pela compreensão do ser humano, uma característica do humanismo, teve seu início como um programa monástico. Foi nos mosteiros que outro aspecto da experiência humana começou a ser valorizado: a amizade. Segundo Southern, sem o cultivo da amizade, o humanismo não poderia ter existido, pois o autoconhecimento é apenas o primeiro passo na reabilitação do homem, enquanto a amizade, que é o compartilhamento desse conhecimento com outro, assume um papel significativo. Por outro lado, Jaeger (2000, p. 280-285) argumenta que o culto à amizade não se originou no ambiente monástico, mas sim na esfera secular, tanto em suas origens quanto em suas práticas iniciais. Os escritos sobre amizade do século XII codificam ideais sociais que estavam presentes e praticados na época, representando a contínua disseminação dos temas e práticas das escolas catedrais dos séculos X e XI, mesmo após seu declínio no final do século XI e início do século XII.

A amizade e o amor, como parte da afetividade ensinada por Aelredo de Rievaulx na Inglaterra do século XII, estavam impregnados das complexidades das relações interpessoais. Assim, o interesse cisterciense pela vida afetiva, culminando na teorização sobre amizade e amor, atendia a uma necessidade urgente de formação educacional monástica no século XII.

Revista Interdisciplinar

Para Aelredo, a amizade é uma escolha cuidadosa, distinta do amor caritativo que se estende a todos, inclusive aos inimigos. Como destacado acima, a amizade segue uma ordem específica: escolha, teste e aceitação. No entanto, ela não está isenta de perigos, como traição, calúnia e orgulho, que podem corrompê-la. A fase de teste envolve avaliar a lealdade, a intenção sincera, o critério prudente e a paciência do potencial amigo. Mesmo se sentimentos negativos surgirem, é importante agir com cautela e evitar interromper abruptamente a amizade para evitar conflitos e constrangimentos.

A definição de afeto apresentada por Aelredo é uma inclinação natural da alma, em consonância com a concepção de amor de Bernardo de Claraval no Sermão sobre o Amor Divino. Ambos os autores destacam uma dimensão tanto receptiva quanto ativa na alma inclinada. Para Bernardo, o amor é inato e não resulta de acordos ou esforços, refletindo a gratuidade do amor verdadeiro. Da mesma forma, Aelredo diferencia a verdadeira amizade, baseada na união em Cristo, da amizade meramente mundana. O amor a Deus, para ambos, é expresso através da comunidade e da verdadeira amizade, representando a presença do reino celestial entre os fiéis.

REFERÊNCIAS

AELREDO DE RIEVAULX. **La généalogie des rois d'Angleterre**. Trad. Pierre-André Burton. Cîteaux: Brill, 2014, p. 83-159.

AELREDO DE RIEVAULX. **Amizade espiritual e Oração pastoral**. Ed. D. Pezzini. Trad.: Maria Coelho e Pe. João Dantas. São Paulo: Cultor de livros, 2017. ISBN: 978-85-5638-080-7.

AELREDO DE RIEVAULX. **Dialogue on the Soul**. Trans. C. H. Talbot. CF 22. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1981.

AELREDO DE RIEVAULX. **El espejo de la caridade**. Trad. Germán Díez Martínez. Introdução de Ricardo F. Isaguirre. Madrid: Monte Carmelho, 2002.

BOQUET, Damien; LETT, Didier (Org). Les émotions à l'épreuve du genre. **Clio. Femmes, Genre, Histoire**, v. 03, n.47, p. 07-22, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/cliio.13944>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cliio/13944>. Acesso em : 20 set. 2022.

Revista Interdisciplinar

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. **Medieval sensibilities: a history of emotions in the Middle Ages**. Cambridge: Polity Press, 2018.

BENTO DE NURCIA. **Regra de São Bento**. Ed. e trad. Dom João Evangelista Enout. São Paulo: Santa Ametista, 2020.

BOYNTON, Susan. Training for the liturgy as a form of monastic education. *In*: FERZOCO, George; MUESSIG, Carolyn. **Medieval Monastic Education**. London, New York: Leicester University Press, 2000, p. 7-20.

CASTANHO, Gabriel. A construção de uma comunidade sensível: corpo, afeto e emoção nos escritos de Guigo I (Grande Cartuxa, 1109-1136). **Pasado Abierto**, v. 9, jan-jun, 2019, p. 34- 59. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/pasadoabierto/article/view/3286>. Acesso em: 21 jul. 2020.

DIXON, Thomas. **From Passions to Emotions: The Creation of a Secular Psychological Category**. Cambridge: Cambridge Press, 2003.

OLIVEIRA, Nara. História e cristianismo: a narrativa histórica. **Cadernos cajuína**, v. 6, n. 1, 2021, p. 167-172. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/456/351> Acesso em: 02/06/2024